

Influência dos meios de comunicação no conhecimento

José Manuel Moran

CONHECIMENTO INTEGRADO

Nossa relação com o conhecimento está tão condicionada ao reducionismo racional que se torna difícil refletir sobre ele dentro de uma perspectiva mais integral. A sociedade ocidental progressivamente identificou conhecimento com abstração e razão, fruto da leitura, da escrita e do cálculo. A educação formal, apesar de todos os avanços, separa corpo e mente, o sensorial do racional, o lógico do intuitivo, o concreto do abstrato, o visual do impresso.

Para conhecer, precisamos estar inseridos em um novo paradigma que pressupõe educar sempre dentro de uma visão de totalidade. Educar pessoas inteiras, que integrem todas as dimensões: corpo, mente, sentimentos, espírito, psiquismo; o pessoal, o grupal e o social; que tentem encontrar as pontes, as relações entre as partes e o todo, entre o sensorial e o racional, entre o concreto e o abstrato, entre o individual e o social. Nossa maior tarefa, como educadores, consiste em sermos nós mesmos plenamente e ajudar a que os outros também o sejam. "Não há lugar para pessoas inteiras no sistema educacional; só há lugar para seus intelectos", escreve Carl Rogers.

O conhecimento, na perspectiva dos pesquisadores mais avançados sobre a mente humana, não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersensorial. O conhecimento é sinérgico, do cérebro integral, que expressa a unidade cérebro-mente-corpo. Podemos observar diferenças de ênfase, de caminhos para acesso ao conhecimento, de sua expressão, mas não estão isolados.

O conhecimento não pode ser reduzido unicamente ao racional. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Entendo a educação como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação (do educador e do educando), integrando, dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de co-

nhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo e o racional.

OS VÁRIOS CAMINHOS PARA O CONHECIMENTO

O conhecimento precisa da ação coordenada de todos os sentidos — caminhos externos — combinando o tato (o toque, a comunicação corporal), o movimento (os vários ritmos), o ver (os vários olhares) e o ouvir (os vários sons). Os sentidos agem complementarmente, como superposição de significantes, combinando e reforçando significados.

Um dos estudos mais instigantes foi realizado por Howard Gardner no livro *Estruturas da mente*², que, em síntese, afirma que conhecemos por intermédio de um sistema de "inteligências" ou habilidades interconectadas e, em parte, independentes, localizadas em regiões diferentes do nosso cérebro, com pesos diferentes para cada indivíduo e para cada cultura.

Todos temos, segundo Gardner, a "inteligência" ou habilidade lingüística, que se manifesta em gostar de escrever, ler, ouvir e contar histórias; que facilita a compreensão por meio das palavras faladas ou escritas. Em muitas pessoas, esta habilidade lingüística é mais espontânea, imediata, perceptível. Em outras, vai se desenvolvendo aos poucos, pelo processo de

A segunda "inteligência" ou habilidade é a lógico-matemática, que nos ajuda a estruturar, organizar, hierarquizar e sintetizar todas as coisas, a encontrar ordem no caos. Todos nós a possuímos, mas com peso diferente e, dependendo da idade e do nível de ensino, conseguimos desenvolvê-la mais profundamente.

A terceira habilidade é a espacial: a capacidade de pensar com imagens, com fotos; de visualizar imagens claras quando se pensa sobre algum assunto, de ter memória visual e gostar de produções artísticas nas quais predomina a imagem.

A quarta inteligência ou habilidade é a musical, que se mostra na sensibilidade para sons, melodias, ambientes sonoros.

Resumo

As pesquisas mais atuais mostram que o nosso conhecimento se processa de forma interligada, mas com ênfase em caminhos diferentes para cada pessoa. Uns se apoiam mais no visual, outros no sonoro, outros no sinestésico. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem linguagens complementares, superpostas, que nos atingem por todos os sentidos e conseguem que cada um encontre a forma de compreensão para a qual está mais apto. Propõem também uma lógica menos rígida, mais conectiva, provisória e dinâmica, mais próxima à sensibilidade do homem de hoje, o que traz problemas para a visão educacional mais sistemática e menos flexível.

Palavras-chave

Meios de comunicação, Conhecimento integrado e diferenciado; Conhecimento sensorial; Educação audiovisual.

As pessoas dotadas desse tipo de inteligência gostem de música, de tocar algum instrumento e valorizam estudar ou trabalhar com música. Aprendem mais facilmente por meio do som.

A quinta forma de inteligência é a sinestésico-corporal, que processa melhor a informação pelo movimento e toque; que se manifesta em quem não consegue ficar muito tempo sentado e aprende melhor movimentando-se, tocando ou mexendo nas coisas.

As duas últimas inteligências ou habilidades são complementares. Uma é a intrapessoal, e a outra, a interpessoal. Na intrapessoal, predomina a busca individual, isolada, intuitiva do conhecimento. Na interpessoal, ao contrário, aprende-se melhor mediante a interação, a cooperação com os outros.

Em síntese, todos temos os mesmos instrumentos para chegar ao conhecimento, mas não com a mesma intensidade. Aprendemos de formas diferentes. Uns têm mais facilidade de aprender por meio das imagens, outros da fala, outros da música, do movimento, do isolamento ou da cooperação. Todos os alfabetizados possuímos a habilidade lingüística, a capacidade de ouvir, ler e escrever histórias. Mas alguns, desde o começo, mostram mais facilidade em manusear as palavras; sentem prazer em ler e escrever. Outros, pelo contrário, captam melhor o que podem ver. Mesmo quando estão lendo (uma operação abstrata), acompanham o que lêem com imagens, apóiam-se no concreto da imagem, como um outro registro ou muleta para poder entender.

Os caminhos para o conhecimento são múltiplos, mas seguem uma trilha básica semelhante: partem do concreto, do sensível, do analógico na direção do conceitual, do abstrato. Quanto mais se superpõem os caminhos para o conhecimento, mais facilmente se consegue atingir a todas as pessoas e relacionar melhor todas as possibilidades de compreensão.

O conhecimento integrado depende cada vez mais da valorização do sensorial. No começo, quando crianças, conhecemos a partir das experiências sensíveis, ao tocar e mergulhar sensorialmente no ambiente.

O caminho natural, primeiro, para o conhecimento passa pelo sentido do tato. É o sentido mais amplo do organismo. Tocamos, quando recém-nascidos, para sentir, distinguir, orientar-nos. Dizemos que a vista aproxima, toca, acaricia os objetos. Pela pele "sensoriamos", "sensacionamos" (experimentamos sensações) que podem se transformar em percepções, sensações

organizadas, com vários graus de consciência.

Sentimos com o corpo, o movimento. O conhecimento sinestésico nos situa no mundo: Onde estamos? O que está em volta de nós? Estabelecemos relações a partir das sensações que o corpo e os sentidos nos comunicam. Neste nível, a imagem também tem uma dimensão sensorial. É a imagem que nos toca, localiza, situa, emociona. É o conhecimento experiencial, direto, imediato, que na nossa cultura vai se perdendo à medida que evoluímos intelectualmente (corpo opaco, rígido). Quando observamos uma criança ou um adolescente falando, gesticula muito mais do que o adulto, seu corpo se move, balança, gira. Expressa-se com o corpo, olhar e com uma linguagem falada extremamente sensorial, concreta, cheia de conectivos "e aí...e então...". A educação formal concentra o conhecimento na cabeça, no racional, eliminando progressivamente o sensorial. O aluno é sinestésico, o professor, não.

Da imagem "sensorial", mais imediata, que capta a exterioridade das pessoas e coisas, vamos, aos poucos, evoluindo para a imagem "mental", que estabelece uma relação com o mundo através da visualização analógica, representacional, simbólica. Conhecemos neste nível por meio da comparação, da analogia, da semelhança e da diferença, da metáfora, da conjunção de imagens. É um ver menos sensorial, mais elaborado, complexo. "A sabedoria visual é a mãe de uma forma íntima de lógica que depende da metáfora como sua estrutura. A metáfora salienta o significado interligando grandes experiências desconexas. Os fatos e termos específicos isolam e delimitam o significado. A metáfora, principalmente a visual, é uma forma inclusiva e proliferativa de organização de experiências. Isso significa que a sabedoria visual é inerentemente conectiva e cria conjuntos mentais que tendem para a síntese"³.

A lógica visual se caracteriza mais pela conexão, pela junção de pedaços em um todo, do que pela lógica da separação, da dissecação em partes. Existe a união entre mente e imagem, enquanto representação.

O conhecimento visual facilita a compreensão do que não temos presente fisicamente, mas simula a presença do que está longe (um vídeo sobre a Sibéria), do que fisicamente poderia ser difícil executar (um vídeo sobre uma reação química que provocasse explosão). O conhecimento visual pode ilustrar, ajudar a compreender mais facilmente conceitos abstratos, como o teorema de Pitágoras, mostrando na tela tanto situações do cotidiano ligadas ao

conceito, visualizando depois em forma de diagrama cada passo dos exemplos do cotidiano, para mostrar posteriormente, na tela, a seqüência de resolução das equações matemáticas correspondentes, o que facilita enormemente a passagem do analógico para o conceitual.

O conhecimento sensorial, sinestésico-corporal, possui a vantagem de ser imediato, "natural", fácil de perceber. Nele predomina a idéia de integração corpo-mente, sujeito-objeto. Com a sensação do "toque", predispõe, facilita ambientes de aprendizagem. Como pontos fracos se destacam a falta de distanciamento para a compreensão do todo e de cada parte. É fácil o subjetivismo, a interferência de valores e percepções altamente pessoais no conhecimento. Fruto da experiência imediata, o conhecimento sensorial pressiona por respostas imediatas, por soluções muitas vezes ditadas pela emoção, sem aprofundamento. Também é difícil sair do campo do previsível, do que já está estabelecido, porque a maior parte das experiências se repetem, transferem-se de geração à geração e caminham mais na direção do já estabelecido do que na inovação.

Os caminhos para o conhecimento por intermédio do sensorial se cruzam com os da intuição. O caminho intuitivo é o da descoberta, das conexões inesperadas, das junções, das superposições, da navegação não-linear, da capacidade de maravilhar-se, do aprofundamento do conhecimento psíquico, de formas de comunicação menos conscientes. É um caminho agradável, imprevisível, atraente, propício a descobertas — muitas vezes confuso, irracional, ilógico — que preenche profundamente, faz avançar, dá confiança.

A racionalidade sufocou durante séculos a intuição, relegando-a a um segundo plano, sem valor. Atualmente, com a crise da racionalidade que não explica tudo — porque é reducionista — começamos a buscar apoio mais freqüentemente na intuição, no não lógico, nem seqüencial, nem necessariamente causal. Uma das áreas de maior necessidade de crescimento e pesquisa se dá no interior do indivíduo, na descoberta das suas potencialidades de cognição e de comunicação psíquicas e em aprofundar novas e mais profundas formas de interação com os outros e com o universo.

A intuição não se opõe à razão, mas não segue exatamente os mesmos caminhos. A intuição está ligada à capacidade de relacionar mais livremente os dados, a associar temas de forma inesperada, a aprender pela descoberta. Para o conhecimento racional, precisamos concentrar-nos, esfor-

çar-nos no tema que estamos estudando. Para o desenvolvimento do conhecimento intuitivo, precisamos relaxar internamente, dialogar conosco, decodificar a linguagem do silêncio, entrar em ambientes tranquilos, sem depender continuamente de ambientes sonoros externos, acelerados, como os do rádio, da televisão (usados muitas vezes como pseudocompanhia, como fuga de si mesmo). O relaxamento é uma das condições do conhecimento em profundidade. Relaxar não é só uma atitude física corporal, mas uma atitude permanente, profunda de encarar a vida com tranquilidade, com paz. O relaxamento facilita a aprendizagem, desenvolve a intuição, a capacidade de relacionar, de ter novos *insights*.*

O afetivo é outro componente básico do conhecimento e está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. O afetivo se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. O afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. O homem contemporâneo, pela relação tão forte com os meios de comunicação e pela solidão da cidade grande, é muito sensível às formas de comunicação que enfatizam os apelos emocionais e afetivos mais do que os racionais. A educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de autoconhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo, de criação grupal) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo).

O racional é o caminho mais conhecido para o conhecimento e a comunicação. Pela razão, organizamos, sistematizamos, hierarquizamos, priorizamos, relacionamos, sequencializamos, causalizamos os dados que nos chegam de forma caótica, dispersa, ininteligível. O racional explica,

contextualiza, aprofunda as dimensões sensoriais e intuitivas. Mas, sem elas, torna-se reducionista, simplificador, incompleto. O caminho para o conhecimento integral funciona melhor, se começa pela indução, pela experiência concreta, vivida, sensorial e vai incorporando a intuição, o emocional e o racional.

OS MEIOS AUDIOVISUAIS E O CONHECIMENTO

Os meios de comunicação, principalmente os áudio-video-gráficos, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e condicionam outras formas e espaços de comunicação (como o escolar, o familiar, o religioso). Os meios, principalmente a televisão, falam sempre de "sentir" o que você sentiu", não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Os meios de comunicação pesquisam há muito tempo e vêm aperfeiçoando a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas, aplicando intuitivamente o paradigma de Gardner, a teoria das múltiplas inteligências, no acesso ao conhecimento.

Os meios de comunicação operam imediatamente, com o sensível, o concreto, principalmente a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com a sinestésica, onde o ritmo toma-se cada vez mais alucinante (como nos videoclips). Ao mesmo tempo, utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e dispõe a conhecer mais favoravelmente.

A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, deve-se à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes — imagens, fala, música e escrita — com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdos e ética pouco precisos, o que lhe permite alto grau de entropia, de interferências por parte de concessionários, produtores e consumidores.

A televisão combina imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens referenciais (registradas diretamente com a câmera) com imagens criadas por um artista no computador. Junta imagens sem ligação referencial (não relacionadas com o real) com imagens "reais" do passado

(arquivo, documentários) e as mistura com imagens "reais" do presente e imagens do passado não reais.

Com o fantástico desenvolvimento das técnicas de computação gráfica, a possibilidade de combinação de imagens se multiplica ao infinito. Cada vez se torna mais difícil observar o real filmado e o real simulado (recriado). A televisão e o vídeo combinam, justapõem, mixam imagens em ritmo cada vez mais alucinante. A duração média de cada tomada gira em torno de três segundos. Em videoclips, comerciais e programas para jovens, o número de cortes de imagem aumenta significativamente. A combinação de inúmeros tipos de imagens com diferentes ritmos provoca um estado de intensa excitação do cérebro, continuamente sacudido pelas mudanças de enquadramento, de planos, de pontos de vista, difíceis de processar com precisão, rapidez. O olhar, para encontrar um mínimo de coerência entre tantas solicitações simultâneas, procura integrá-las em uma perspectiva de totalidade (leitura do conjunto de cada tela, e não das informações isoladas).

Televisão e vídeo combinam a multiplicidade de imagens e ritmos, com uma variedade fascinante de falas, de música, de sons, de textos escritos. A riqueza fantástica de combinações de linguagens sacode nosso cérebro, nosso eu, através de todos os caminhos possíveis, atingindo-nos sensorial, afetiva e racionalmente. Somos "tocados" pela imagem através dos movimentos de câmera, pela música que nos comove, pela narração emocionada de uma vítima ou apresentador. Enquanto a imagem e a música nos sensibilizam, a palavra e a escrita (textos, legendas) orientam a decodificação, racionalizam o processo. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Mas as funções mudam, intercambiam-se, superpõem-se. Todos os sentidos são acionados, o nosso ser como um todo é atingido. Todo o nosso ser é atingido, não só a inteligência. Daí a sua força.

A organização da narrativa televisiva, principalmente a visual, não se baseia somente — e, muitas vezes, não primordialmente na lógica convencional, na coerência interna, na relação causa-efeito, no princípio de não contradição, mas em uma lógica mais intuitiva, mais conectiva. Imagens, palavras e música vão se agrupando segundo critérios menos rígidos, mais livres e subjetivos dos produtores que pressupõem um tipo de lógica da recepção também menos racional, mais intuitiva.

Um dos critérios principais é a contiguidade, a justaposição por algum tipo

* No programa de pesquisa Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, coordeno um grupo que está investigando a integração do pensamento racional e do intuitivo para potencializar o nosso acesso ao conhecimento. Também pesquisamos a interferência dos meios áudio-vídeos-gráficos na nossa forma de conhecer e comunicarmos. Mais informações pelo telefax (011) 815-3083 ou pelo EMail jmmoran@cat.cce.usp.br

de analogia, de associação por semelhança ou por oposição, por contraste. Ao colocar pedaços de imagens ou cenas juntas, em seqüência, criam-se novas relações, novos significados, que antes não existiam e que passam a ser considerados aceitáveis, "naturais", "normais". Um exemplo colocando várias matérias em seqüência, em um mesmo bloco e em das sucessivos — como se tosem capítulos de uma novela —, sobre o assassinato de uma atriz, o de várias crianças e outros crimes semelhantes, acontecidos no Brasil e em outros países, multiplica-se a reação de indignação da população, o seu desejo de vingança. Isto favorece os defensores da pena de morte —, o que não estava explícito em cada reportagem e nem talvez fosse a intenção dos produtores.

A televisão opera com uma lógica inclusiva, cria relações inesperadas entre real e imaginário, presente, passado e futuro. Por exemplo, junta em uma mesma história — um clip musical — o pai Nat king Cole e a filha cantando "*Unforgettable*", fazendo um duo perfeito de imagem e interpretação musical, sem que isso nunca tivesse acontecido. Aqui houve uma ampliação do real, uma lógica de tipo inclusive, de junção, de agregação de situações separadas em um novo conjunto. Os comerciais da Pepsi Diet, com Elton John, Ray Charles e Louis Armstrong e o da Antártica com Tom Jobim e Vinícius de Moraes, exemplificam bem esta narrativa por inclusão.

Os meios audiovisuais são fortes na lógica que procede por comparação, explícita ou implícita (metáfora), que procura entender o todo, mais do que cada parte desse todo, que, através das associações, procura descobrir novos significados, novas relações, principalmente por intermédio das imagens. Mas, se na imagem encontramos mais liberdade narrativa, no texto falado e escrito da televisão a lógica torna-se mais "amarrada", organizada, analítica e sintética. Principalmente, na fala em *off*. Os meios, enfim, combinam lógicas que se combinam diferentemente a cada momento. Normalmente imagem e palavra se complementam, combinando a lógica analógica, metafórica da imagem, com a lógica conceitual, racional do texto; em outros momentos, opõem-se.

Os meios nos atingem por caminhos diferentes simultaneamente. Para quem compreende o mundo de forma mais racional, como muitos adultos, capta na televisão mais a lógica da narrativa, principalmente a do texto falado-escrito. Para a maioria das crianças, jovens e dos que são mais sensíveis ao concreto, ao analógico, a forma de contar das imagens e da música funciona melhor.

Mas tanto a lógica racional, quanto a analógica recebem um apoio contínuo da lógica sensorial-emocional. A televisão nos "toca", nos atinge, na relação imagem, palavra, música, afetivamente, desperta emoções imediatas, que orientam a compreensão da realidade no nível analógico e/ou conceitual.

A televisão estabelece uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar, isto é, mostra-se, comprova o que diz. Mostrar é igual a demonstrar, a provar, a comprovar. A força da imagem é tão evidente, que torna-se difícil não fazer essa associação comprobatória ("se uma imagem me impressiona, é verdadeira"). Também é muito comum a lógica de generalizar a partir de uma situação concreta. Do individual, tendemos ao geral. Uma situação isolada converte-se em situação padrão. A televisão, principalmente, transita continuamente entre as situações concretas e a generalização. Mostra dois ou três escândalos na família real inglesa e tira conclusões sobre o valor e a ótica da realidade como um todo.

Ao mesmo tempo, o não mostrar equivale a não existir, a não acontecer. O que não se vê perde existência. Um fato mostrado com imagem e palavra tem mais força que, se mostrado somente com palavra. Muitas situações importantes do cotidiano perdem força, por não terem sido valorizadas pela imagem-palavra televisiva.

Os meios audiovisuais conseguem articular, combinar, integrar a lógica convencional (mais organizada e seqüencial) com a paralela, associadora, uma lógica "puntilhista", multidimensional, repleta de pontos fortes, reforçada pelos efeitos sonoros e pela inserção de trilhas musicais.

Há um contraste flagrante entre a riqueza de meios expressivos utilizados pela televisão e o reducionismo da lógica proposicional. Em muitos assuntos, principalmente nos controvertidos, opera com uma lógica do tipo exclusivo, dualista, disjuntivo: ou...ou... que se manifesta na "repetida pergunta dos entrevistadores "Você é a favor ou contra..." e que se materializa no programa "Você decide" da Rede Globo, onde o público somente pode optar por uma das duas alternativas, sem qualificá-las, o que conduz a criar ou reforçar posturas maniqueístas, simplistas da realidade, e a não buscar outras alternativas possíveis.

Os meios, em síntese, conseguem se comunicar bem, porque nos atingem por inteiro. Mas, ao mesmo tempo, reduzem a sua comunicação a aspectos mais superficiais, simplistas, materialistas. A educação precisa estabelecer pontes entre os meios

de comunicação e a escola, entre a sua forma de lidar com o conhecimento e a da escola. Um dos caminhos é desenvolver com os professores formas de leitura crítica dos meios de comunicação, nas adversas áreas do conhecimento. Analisá-los tanto do ponto de vista estético, como de conteúdo.

Para a maior parte das pessoas os meios de comunicação significam modernidade, deslumbramento, novidade, fascínio, lazer, relação dinâmica com o mundo. Os meios de comunicação parecem transparentes, evidentes, não problemáticos. Os meios representam e apresentam um modo de vida desejável e estimulam necessidades e expectativas percebidas como reais.

Diante da fascinação que exercem os meios e da sua aparente transparência, muitos educadores e intelectuais sentem verdadeiro horror e os criticam de forma radical. Por isso, apoiam qualquer curso ou palestra que denuncie os meios, que apontem seus desmandos, exageros, mecanismos de dominação. Procuram os cursos de leitura crítica, mas não chegam desarmados; trazem toda uma carga de preconceitos, de leituras, que esperam ver confirmados.

Temos fundamentalmente duas situações contrárias. A maioria não vê os meios de comunicação como problema. O trabalho educativo consiste em problematizar o que não é percebido como problema e com os educadores, desproblematar o que é visto como só problema. Mostrar as contradições das leituras simplistas, tanto as dos ingênuos, como as dos intelectuais. Partir dos meios, para aprofundar outras dimensões do ser humano que ignoram, para organizar o conhecimento dentro de um projeto integral do ser humano, para ajudá-lo a libertar-se e a não depender do que eles afirmam*.

CONDIÇÕES PARA A AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO

A ampliação do conhecimento está vinculada à reeducação do ver: um ver menos

*Um maior aprofundamento na análise dos meios de comunicação pode ser encontrado em trabalhos de minha autoria *Leituras dos meios de comunicação*⁴ e *Como ver televisão*⁵.

preconceituoso ou consumista; mais atento, mais aberto, polivalente e profundo. Não permanecer na superfície externa, espacial do ver (só para situar-se). Captar também dimensões menos externas do ver: o ver interior, o ver menos representacional e mais metafórico (ampliar as nossas formas de ver)*.

A ampliação do conhecimento depende também da reeducação do ouvir: ouvir o ambiente, os vários sons, vozes, ritmos. Captar e sentir os diversos ritmos: exteriores e interiores, pessoais e dos outros, os ritmos pragmáticos e os poéticos, as melodias faladas e musicais, os vários ritmos de aprendizagem. Ampliar a nossa relação com a música Incentivar o uso da música como facilitadora de ambientes de aprendizagem (criar ambientes sonoros agradáveis para o conhecimento), como sensibilização sensorial (despertando a atenção para novos assuntos), como associação com novos conteúdos (relacionando mais letra-música com temas que estão sendo tratados) e como produção (expressar-nos musicalmente, criar nossa própria música**.

Chegaremos mais facilmente ao conhecimento, se desenvolvermos a reeducação do corpo: aprendendo a relaxar externa e internamente, a mover-nos, a expressar-nos com todo o corpo, a aproximar-nos uns dos outros.

Na educação (do primeiro ao terceiro graus), precisamos encontrar as formas de desenvolver a sensibilização corporal: exercícios de relaxamento, de respiração, de concentração, de dança, de dramatização; exercícios que expressem, através do lúdico, a comunicação sensorial usando todo o corpo. Precisamos adaptar o lúdico a cada etapa da evolução do aluno, mas não podemos esquecê-lo, principalmente no nível superior, onde há uma nítida atrofia do sensorial em relação ao intelectual.

Temos de desenvolver processos de comunicação ricos, interativos e cada vez mais profundos. Abrir as escolas ao mundo, à vida. Criar ambientes de ensino-aprendizagem mais atraentes, envolventes e multissensoriais. A arte precisa ser um dos pilares da nova educação, e não só uma atividade complementar. Arte como expressão, como criação multilingüística, multissensorial, interdisciplinar.*

Precisamos apoiar a introdução das novas tecnologias de comunicação possíveis em cada etapa. As tecnologias, dentro de um projeto pedagógico inovador, facilitam o processo de ensino-aprendizagem. Mas nenhuma tecnologia salva um mau professor. Computadores, vídeo, redes, CD-ROM's podem sensibilizar para a pesquisa de novos assuntos, trazem instantaneamente informações novas, diminuem a rotina, nos ligam com o mundo, com as outras escolas, aumentam a interação (através de redes eletrônicas, da multimídia), permitem a personalização (adaptação do trabalho ao ritmo de cada aluno) e se comunicam facilmente com o aluno, porque trazem para a sala de aula as linguagens e meios de comunicação do dia-a-dia.

As tecnologias multiplicam o acesso rápido à informação. A dificuldade crucial consiste em navegar entre tanta informação, em encontrar conexões, relações, em situar, contextualizar; enfim, compreender. À medida que surgem as grandes auto-estradas eletrônicas da informação, aumenta simultaneamente a necessidade dos intermediários críticos, dos que sabem interpretar, dos que ensinam a aprender a aprender.

* Há um ver que nos aproxima da exterioridade das coisas, que nos transmite as primeiras — e muitas vezes — decisivas impressões da realidade. Esse ver está cheio de erros de avaliação, porque cria conexões de causa-efeito em fenômenos só aparentemente causais. Este é um dos problemas do ver superficialmente através da televisão e outros meios audiovisuais, sem uma leitura crítica.

** A criança e o jovem estão prontos para descobrir novas formas de expressão musical. Alguns programas de computação facilitam a criação de melodias, de arranjos numa prancheta eletrônica, vendo e ouvindo, na hora, as notas musicas que cada um cria na tela.

* A educação não valoriza suficientemente a importância de ambientes agradáveis para o processo de ensino-aprendizagem. O contato com ambientes sonoros atraentes facilita nossa disposição para desempenhar as várias atividades relacionadas com o conhecimento, abre nossos caminhos perceptivos, intuitivos. Por isso a cada dia ganha importância a música ambiente nas empresas, no trabalho, no campo, e até na produtividade dos animais (vacas que dão mais leite com ambiente de música clássica).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ROGERS, Carl. *Um jeito de ser*. p. 77
2. GARDNER, Howard. *Estruturas da mente; A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1994.
3. SAMPLES, Bob. *Mente aberta, mente integral*. p. 110
4. MORAN, José Manuel. *Como ver televisão; leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.
5. ———. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Ed. Pancast, 1993.

BIBLIOGRAFIA

1. BABIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
2. FERRY Y PRATS, Joan. *Vídeo y Educación*. Barcelona. Laia, 1988.
3. GREENFIELD, Patricia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica; os efeitos da TV, computadores e videogames*. São Paulo: Summus, 1988.
4. LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
5. MINSKY, Marvin. *The society of mind*. New York, Simon & Schuster, 1986
6. NICKERSON, Raymond, ZODHIATES, Philip. *Technology in Education: looking toward 2020*. Hillsdale; New Jersey. Lawrence Erlbaum Associates, 1988.
7. THORNBURG, David. *Education, Technology and Paradigms of Change for the 21st Century*. Starsong Publications 1991.
8. WURMAN, Richard Saul. *Ansiedade de Informação; Como transformar informação em compreensão*. São Paulo; Cultura Editores Associados, 1991.

Artigo aceito para publicação em 19 de setembro de 1994.

Influence of mass media on the knowledge

Abstract

The most advanced research shows that our knowledge is processed in an integrated manner, but emphasizing different ways for each person. Someone learns towards the image, others to sound, others to kinesthesia. The mass media, specially television, develop complementary and superimposed languages, which reach all our senses, and guarantees that everyone finds that most adapted to his or her understanding. They purpose also a less rigid logic, more connective, dynamic and temporary, dose to the sensibility of contemporary man, and creating problems for less flexible educational system.

Keywords

Mass media; Integrated and differential knowledge; Sensorial knowledge; Education audiovisual.

José Manuel Moran

Professor do Departamento de Cinema, Rádio e TV da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Projeto Escola do Futuro da USP.